

1932 PASSOU

RUBEM BRAGA

O ano passou. Não sei se vós, leitor amigo, ou vós, distinta leitora, o passastes bem. Eu, como já passei muitos, os tenho passado de todo jeito, e ainda hoje esse segundo que vem depois da meia-noite me perturba. Já passei ano só, em terra estranha ou, o que é mais amargo, na minha; ou andando como um tonto na rua ou afundado no canto de um bar ruidoso; tentando inutilmente telefonar; dormindo; com dor de dente. E quando digo de todo jeito estou dizendo também de jeito feliz, entre gente irmã ou nos braços de algum amor eterno — braços que depois dobraram a esquina do mês e da vida, e se foram, oh! provavelmente sem sequer a mais leve magoa nos cotovelos, apenas indo para outros abraços.

Passam os anos, passam os braços; mas fica sempre, quando a terra dá outra volta em si mesma, essa emoção confusa de um instante. Conheço pessoas que fogem a esse segundo de consciencia cosmica, afetando indiferença, indo dormir cedo — como se não estivessem interessadas em saber se esta piorra velha deste planeta resolveu continuar girando ou não. E' singular que entre tantas festas religiosas e civicas nenhuma chegue a ser tão emocionante e perturbe tanto a humanidade como esta, que é a Festa do Tempo. E' como se todos estivessemos fazendo anos juntos: é o Aniversario da Terra.

Se a alma estremece diante do Destino, o espirito se confunde; reina uma tendencia à filosofia barata; vejam como eu começo a escrever algumas palavras com maiusculas, eu que levo o ano inteiro proseando em tom menor, e mesmo o nome de Deus só escrevo assim para não aborrecer os outros, ou para que eles me não aborrecam.

Já ao nome do diabo, não; a esse sempre dei, e dou, o "d" pequeno, que outra coisa não merece a sua danação. A ele encomendemos o ano que passou, e a Deus o Novo. Que vá com maiuscula também, esse Novo; fica mais bonito, e levanta nosso moral.

E se entre meus leitores há alguma pessoa que na passagem do ano teve apenas um amargo encontro consigo mesmo, e viveu esse instante na solidão, na tristeza, na desesperança, no sofrimento, ou apenas no odioso tedio, que a esse alguém me seja permitido dizer: "Vinde. Vamos tocar janeiro, vamos por fevereiro e março e abril e maio, e tudo que vier; durante o ano a gente o esquece, e se esquece; é menos mal. E às vezes, ao dobrar uma semana ou quinzena, às vezes dá uma aragem. Dá, sim; dá, e com sombra e agua fresca. E quem vô-lo diz é quem já pegou muito sol nos desertos e muito mormaço nas charnecas da existencia. Coragem, a Terra está rodando; vosso mal terá cura. E se não tiver, refleti que no fim todos passam e tudo passa; o fim é um grande sossego e um imenso perdão.

Jan. 52